

# EXORTAÇÃO À FIRMEZA

*Uma Defesa dos Pilares do Cristianismo nos Dias Atuais*

J. C. Ryle

Projeto  
**Ryle**

ANUNCIANDO A VERDADE EVANGÉLICA

# Exortação à Firmeza

Uma Defesa dos Pilares do Cristianismo  
nos Dias Atuais

J. C. Ryle

# Exortação à Firmeza

## *Uma Defesa dos Pilares do Cristianismo nos Dias Atuais*

Quarta Exortação Trienal à Diocese da  
Igreja da Inglaterra de Liverpool,  
Proferida em 4 de novembro de 1890  
*pelo Bispo J.C.Ryle*

A visita trienal do Bispo é, por assim dizer, uma ocasião bastante solene. A leitura da lista de chamada que precede a Exortação manifesta o grave fato de que estamos todos de passagem, e que nossos próprios nomes um dia desaparecerão do Rol do Clero de nossa Diocese. As mudanças dos últimos três anos entre os membros de nosso Concílio não são poucas nem irrelevantes. A remoção de homens ilustres como o Arcebispo Jones, o Cônego Hopwood e o Cônego John Stewart abrem brechas em nossas fileiras que não serão facilmente preenchidas. Mas não posso deixar de lembrar algumas das últimas palavras do finado Bispo Lightfoot,<sup>1</sup> quando se aproximava do fim de sua carreira: “Homens podem ir e vir; vidas de indivíduos flutuam como palha na superfície das águas até que se perdem no oceano da eternidade; porém, a larga, potente e ondulante corrente da Igreja – a maré limpadora, purificadora e fertilizadora do rio de Deus – segue fluindo para sempre e sempre.” Que essa corrente em nossa Diocese torne-se cada dia mais ampla, profunda e poderosa, não importa quem dentre nós seja removido antes da próxima visita; este é meu desejo e minha oração.

Na Exortação que agora dirigirei a vós outros, abster-me-ei de dizer qualquer coisa sobre a nossa própria Diocese. Já tratei longamente desta matéria na abertura de nossa Conferência Diocesana Anual no mês passado, de modo que nada há que eu possa acrescentar hoje. Limitar-me-ei exclusivamente a questões pertinentes a toda a Igreja de que fazemos parte. Proponho dizer minha opinião da forma mais franca sobre certos pontos de peculiar importância aos dias de hoje, e exortar-vos com todo o carinho, como vosso Bispo, cuidando que “examineis todas as coisas” e “retenhais o que for bom”<sup>2</sup>. Decidi-me a fazer isto, em parte porque atingi uma idade em que não posso esperar ter muitas oportunidades mais de me dirigir a vós outros em conjunto, e em parte por causa da natureza perigosa dos tempos em

---

<sup>1</sup> J. B. Lightfoot, Bispo de Durham entre 1879 e 1889 (falecido em 1889).

<sup>2</sup> Tanto no texto grego quanto principalmente no inglês, a expressão paulina “reter” (I Ts. 5.21) remete à força com que se agarra o marujo ao encordoamento ao escalar um mastro, do que depende sua própria vida. No tempo de Ryle, expressões náuticas eram correntes, por ser uma das principais modalidades de transporte do Império Britânico. Nesta tradução, empregaremos “reter” e “agarrar-se” intercambiavelmente, mas a referência sempre será ao mandamento paulino. [N.T.]

que vivemos. No ano de 1890, a trombeta de um Bispo inglês não pode dar som incerto.

Talvez não sejamos bons juizes de nosso próprio tempo. Se vivêramos na era do Longo Parlamento, quando o Arcebispo Laud e o Rei Carlos I foram decapitados, provavelmente pensássemos que o mundo estava chegando ao fim. Contudo, o horizonte de nossos próprios tempos, política, social e eclesiasticamente obnubilado por uma violência sem precedentes nos partidos do Parlamento, por uma luta sem precedentes entre o trabalho e o capital, e por uma ausência sem precedentes de disciplina entre os membros da Igreja – este horizonte, digo, é tão negro que exige a mais grave atenção de todos os patriotas e cristãos. Com abundante prosperidade temporal, parecemos, como nação, estar sentados à beira de um vulcão, e a qualquer momento podemos ser explodidos em pedaços, e nos tornarmos em naufrágio e ruína.

Pior ainda, o ar parece repleto de um vago agnosticismo e descrença. A fé fraqueja e encolhe por toda a parte e parece prestes a morrer. A imensa maioria dos homens, do maior até o menor, parece pensar que “nada é certo na religião”, e que não tem muita importância o que se crê. Mesmo em nossas universidades, a tendência de multiplicar as *dubia*, ou questões duvidosas do cristianismo, e diminuir as *necessaria*, as questões essenciais, parece crescer e aumentar a cada ano. Todos os alicerces da fé estão fora de curso.

Em tempos como estes, não me desculparei ao exortar meu Clero a cuidar para que não perca, sem perceber, sua noção da verdade cristã, e a não agarrar-se a ela com dedos escorregadios e vacilantes. Peço-vos, portanto, que me ouçais pacientemente neste dia, enquanto procuro expor uma lista de pontos cardeais nos quais creio ser de essencial importância “reter o que é bom”. É claro que não espero que todos concordeis com algumas das coisas que estou prestes a dizer. Longe disto! Um Bispo sábio não tem pretensão de infalibilidade. Mas, de qualquer forma, não ficareis ignorantes quanto às opiniões de vosso próprio Bispo.

**I** – Antes de mais nada, exorto-vos a *agarrar-vos ao grande princípio de que o cristianismo é totalmente verdadeiro, e a única religião que Deus revelou à humanidade.*

Podeis estranhar que eu comece com uma proposição tão elementar quanto esta. Mas nossa porção recaiu sobre uma era de racionalismo abundante, ceticismo e, temo que deva acrescentar, de verdadeira infidelidade. Mesmo entre aqueles que não abandonaram toda a fé, alguns dizem que há bastante o que se dizer em favor do budismo ou do maometanismo. Jamais, talvez, desde os dias de Celso, Porfírio e Juliano, foi a verdade da religião revelada tão aberta e desavergo-

nhadamente atacada, e nunca foi o assalto conduzido de forma tão especiosa e plausível.

Nas resenhas, revistas, jornais, palestras, ensaios, romances e às vezes até mesmo em sermões, legiões de escritores astuciosos fazem incessante guerra às próprias bases do cristianismo. A razão, a ciência, a geologia, a antropologia, as descobertas modernas, o livre pensamento; de todos estes dizem estarem ao seu lado. Nenhuma pessoa instruída, diz-se-nos constantemente hoje, pode acreditar em uma religião sobrenatural, ou na inspiração plenária da Bíblia, ou na possibilidade de milagres. Doutrinas antigas como a Trindade, a Divindade de Cristo, a Pessoaalidade do Espírito Santo, a Expição, a obrigação do Dia do Descanso, a necessidade e eficácia da oração, a existência do diabo e a realidade da punição futura, são calmamente guardadas na prateleira, como velhos almanaques, por muitos líderes professos do pensamento moderno, ou desdenhosamente lançadas fora como que para servir de lenha! E tudo isto é feito de maneira tão sagaz, e com tamanha aparência de candura e tolerância, e com tantos elogios à capacidade e nobreza da natureza humana, que multidões de cristãos inconstantes são levados, como que por uma enxurrada, e tornam-se parcialmente desabrigados, quando não se tornam completos naufrágios da fé.

A existência desta epidemia de descrença não nos deve surpreender nem por um só momento. É apenas um velho inimigo em novo traje, uma velha doença em nova forma. Desde o dia em que Adão e Eva caíram, o diabo jamais cessou de tentar os homens a não crer em Deus, e disse, direta ou indiretamente, “não morrereis, ainda que não creiais”. Especialmente nos “últimos dias”, temos base nas Escrituras para esperar uma safra abundante de descrença: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”; “Os homens perversos e impostores irão de mal a pior”; “Nos últimos dias, virão escarnecedores” (Lc. 18.8, II Tm. 3.13; II Pe. 3.3). Aqui na Inglaterra, o ceticismo é o reflexo natural do semi-papismo e superstição, que muitos homens sábios há muito predisseram e esperaram. É precisamente a chegada daquela volta do pêndulo que os estudiosos da natureza humana, com clarividência, predisseram.

Conquanto eu vos diga que não vos surpreendais com o ceticismo generalizado de nosso tempo, também vos insto a que não tenhais vossas mentes *abaladas por ele*, nem deslocadas de vossa firmeza. Não há motivo verdadeiro para alarme. A arca de Deus não está em perigo, apesar dos bois parecerem sacudi-la. O cristianismo sobreviveu aos ataques de Hume, Hobbes e Tindal; de Collins, Woolston, Bolingbroke e Chubb; de Voltaire, Paine e Holyoake. Tais homens fizeram grande alarde em seu dia, e assustaram aos frágeis; porém, não produziram mais efeito, na verdade, do que viajantes desocupados produzem ao rabiscar seus nomes nas grandes pirâmides do Egito. Podem confiar nisto: o cristianismo, de igual maneira, sobreviverá aos ata-

ques dos astutos escritores destes tempos. A assustadora novidade de muitas objeções modernas à Revelação, sem dúvida, faz com que pareçam ter mais peso do que realmente têm. Isto não significa, porém, que nós bem dados não possamos ser desfeitos porque nossos dedos não os conseguem desfazer, nem que dificuldades formidáveis não possam ser explicadas porque nossos olhos não as podem divisar ou explicar. Quando não puderdes responder a um cético, contentem-se em esperar por mais luz, mas jamais abandoneis um princípio fundamental. Na religião, assim como em muitas questões científicas, como disse Faraday, o famoso químico, “a mais alta filosofia é, com frequência, uma cautelosa suspensão do julgamento”.

Quando céticos e infiéis tiverem dito tudo o que têm a dizer, não devemos nos esquecer de que há três grandes fatos que eles jamais puderam explicar, e estou convencido de que não podem e nunca poderão. Permitti-me dizer brevemente quais são. São fatos muito simples, os quais qualquer homem comum pode compreender.

**1.** O primeiro fato é *o próprio Jesus Cristo*. Se o cristianismo é uma mera invenção humana, e a Bíblia não procede de Deus, como podem os infiéis explicar Jesus Cristo? Sua existência na história eles não podem negar. Como é que, sem o uso da força ou de suborno, sem armas nem dinheiro, sem lisonjear o orgulho da razão humana, sem conceder qualquer indulgência às luxúrias e paixões humanas, ele tenha feito uma marca tão profunda no mundo? Quem foi ele? O que foi ele? De onde veio? Como pode ser que jamais tenha havido alguém como ele, nem antes, nem depois, desde o início dos tempos históricos? Não o podem explicar. Nada pode explicá-lo, senão o grande fundamento e princípio da religião revelada, de que Jesus Cristo é verdadeiro Deus, e que seu Evangelho é todo veraz.

**2.** O segundo fato é *a própria Bíblia*. Se o cristianismo é uma mera invenção humana, e a Bíblia não tem mais autoridade que qualquer outro volume não-inspirado, como pode ser que o livro seja o que é? Como é que um livro escrito por um punhado de judeus em um canto remoto da terra, escrito em vários e distantes períodos sem concerto ou combinação entre os escritores, escrito pelos membros de uma nação que, comparada com Grécia e com Roma, não fez nada pela Literatura – como é que esse livro permanece completamente isolado, e que não haja nada que dele se aproxime, pela alta conta que faz de Deus, pelas análises verdadeiras do homem, pela solenidade do seu pensamento, pela grandeza de sua doutrina e pela pureza de sua moralidade? Que parecer pode o infiel dar deste livro tão profundo, tão simples, tão sábio, tão livre de defeitos? Não pode explicar sua existência e natureza por seus próprios princípios. Só nós, que sustentamos que o livro é sobrenatural e procede de Deus, podemos fazê-lo.

**3.** O terceiro fato é *o efeito que o cristianismo produziu no mundo*. Se o cristianismo é uma mera invenção humana, e não algo so-

brenatural, revelação divina, como é que ele pôde efetuar uma alteração tão completa no estado da humanidade? Qualquer homem bem letrado sabe a diferença moral entre a condição do mundo antes que o cristianismo fosse plantado, e desde que ele se arraigou; é a diferença entre noite e dia, entre o reino dos céus e o reino do diabo. Neste exato momento, eu desafio qualquer um a olhar o mapa-múndi e comparar os países em que os homens são cristãos com os países onde os homens não o são; desafio-os a negar que esses países sejam tão diferentes como a luz e as trevas, como o preto e o branco. Como pode um infiel explicá-lo com seus princípios? Não o pode. Só nós, que cremos que o cristianismo procede de Deus e é a única religião divina no mundo, podemos fazê-lo.

Sempre que estiverdes tentados a vos alarmar com o progresso da infidelidade, contemplai estes três fatos que mencionei, e lançai fora vossos medos. Conservai-vos firmes em vossa posição, atrás das muralhas destes três fatos, e seguramente resistireis aos maiores esforços dos céticos modernos. Eles por vezes vos farão uma centena de perguntas que não podereis responder, e lançar engenhosos problemas sobre geologia, a origem do homem e a idade do mundo, os quais não podereis solucionar. Eles vos poderão vexar e irritar com as mais loucas especulações e teorias, das quais atualmente não podeis provar a falácia, embora a reconheçais. Sede, porém, mansos, e não temais. Lembrai-vos dos três grandes fatos que elenquei, e audaciosamente os desafiéis a explicá-los. As dificuldades do cristianismo são grandes, sem dúvida; mas podeis confiar que elas não são nada se comparadas às *dificuldades da infidelidade*.

**II** – Em segundo lugar, exorto-vos a *agarrar-vos à autoridade, supremacia e divina inspiração de toda a Bíblia*.

Sobre a autoridade deste bendito livro, pouco preciso dizer. Estou falando *ad clerum*.<sup>3</sup> Estou me dirigindo a homens que responderam às solenes perguntas da Liturgia de Ordenação e subscreveram os Trinta e Nove Artigos. Ao fazê-lo, declarastes vossa crença de que as Escrituras são a regra de fé e prática de nossa Igreja. O clérigo que prega e ensina qualquer coisa que diretamente contradiz a Bíblia parece-me esquecer de seus próprios votos e subscrições, e lidar com desonestidade com a Igreja da qual é ministro.

Sobre a inspiração da Bíblia, sinto ser necessário falar mais completamente. É, infelizmente, um dos assuntos mais polêmicos dos dias correntes, e sobre o qual a Diocese tem o direito de saber qual a opinião de seu Bispo.

O assunto da inspiração é *sempre importante*. É o próprio centro e alicerce do cristianismo. Se os cristãos não tiverem o livro divino pa-

---

<sup>3</sup> Ao clero [N.T.].

ra recorrer como base de sua doutrina e prática, não terão fundamento para oferecer paz ou esperança, e nenhum direito a reivindicar a atenção da humanidade. Edificam sobre areia, e sua fé é vã. Se a Bíblia não é completamente dada por inspiração, e contém erros e defeitos, os quais invalidariam qualquer contrato ou testamento, não pode tampouco ser um guia seguro para o céu. Devemos ser capazes de dizer com intrepidez, “Somos o que somos, e fazemos o que fazemos, e ensinamos o que ensinamos, porque temos um livro que cremos ser, inteira e completamente, a Palavra de Deus”.

O assunto é, sem dúvida, *muito difícil*. Não pode ser acompanhado sem que se entre em campos que são sombrios e misteriosos ao homem mortal. Envolve a discussão de coisas que são milagrosas, sobrenaturais, acima da razão, e que não podem ser completamente explicadas. As dificuldades, porém, não nos devem fazer fugir de qualquer assunto da religião. Não há uma ciência no mundo na qual não haja questões que ninguém pode responder. É má filosofia dizer que não cremos em nada a menos que possamos entender tudo! Não devemos abrir mão, desistindo da questão da inspiração, porque contém coisas “difíceis de serem entendidas”.

Uma causa de dificuldade jaz no fato de que a Igreja jamais definiu exatamente *o que significa inspiração* e, conseqüentemente, muitos dos melhores cristãos não são da mesma opinião sobre o assunto. Eu sou um daqueles que creem que os escritores da Bíblia foram divina e sobrenaturalmente capacitados por Deus para a obra que realizaram, como nenhum outro homem jamais foi e, conseqüentemente, o livro que produziram é diferente de qualquer outro que exista, é sem igual. Resumindo, a inspiração é um milagre. Não devemos confundila com a capacidade intelectual que os grandes poetas e autores possuem. Nem devemos confundila com os dons e graças concedidos aos primeiros cristãos da Igreja primitiva. Todos os apóstolos foram habilitados a pregar e a realizar milagres, mas nem todos foram inspirados a escrever. Devemos, antes, considerar a inspiração um dom sobrenatural especial, conferido a cerca de trinta pessoas dentre toda a humanidade, para qualificá-las à tarefa especial de redigir as Escrituras; e devemos nos conformar com o fato de que, como tudo o que é milagroso, não o podemos explicar, embora o possamos crer. Um milagre não seria milagre se pudesse ser explicado! Que milagres são possíveis, não me deterei para provar, nesta ocasião. Jamais me preocuparei com a questão, até que aqueles que negam os milagres tenham honestamente encarado o grande fato de que Cristo ressuscitou dos mortos. Creio firmemente que milagres são possíveis e foram operados; e dentre os grandes milagres eu situo o fato de que homens foram inspirados por Deus para escrever a Bíblia. Sendo a inspiração, portanto, um milagre, francamente admito que há dificuldades sobre ela que não posso solucionar no presente.

Por exemplo, a exata maneira como funcionavam as mentes dos redatores inspirados das Escrituras enquanto escreviam, eu não tenho a pretensão de explicar. Não tenho dúvidas de que eles mesmos não o poderiam fazer. Não admito por um momento sequer que eles fossem máquinas segurando canetas, ou que, como os tipos de uma impressora, não discerniam o que estavam fazendo. Eu abomino a teoria “mecânica” da inspiração. Não gosto da ideia de que homens como Moisés e São Paulo não eram melhores do que os tubos de um órgão, utilizados pelo Espírito Santo, secretários inconscientes ou amanuenses, que escreveram por ditado o que não compreendiam. Não admito nada desse tipo. Creio, porém, que, de alguma maravilhosa maneira, o Espírito Santo fez uso da razão, da memória, do intelecto, do estilo de pensamento e do temperamento mental característico de cada escritor do texto sagrado. Como e de que maneira isso foi feito, não posso explicar melhor do que posso a união das duas naturezas, Deus e homem, na Pessoa de nosso bendito Senhor Jesus Cristo. Sei apenas que há tanto um elemento divino quanto um elemento humano na Bíblia e que, conquanto os homens que a escreveram fossem real e verdadeiramente homens, o livro que escreveram e nos legaram é, real e verdadeiramente, a Palavra de Deus. Conheço o resultado, mas não compreendo o processo. O resultado é que a Bíblia é a Palavra escrita de Deus; mas não posso explicar o processo, assim como não posso explicar como a água se tornou em vinho em Caná, ou como cinco pães alimentaram cinco mil homens, ou como o Apóstolo Pedro andou sobre a água, ou como algumas palavras dos lábios de Nosso Senhor fizeram com que Lázaro se levantasse dos mortos. Não tenho a pretensão de explicar milagres, e não tenho a pretensão de explicar completamente o dom maravilhoso da inspiração.

A postura que adoto é de que, conquanto os autores bíblicos não fossem “máquinas”, como alguns jocosamente dizem, eles só escreveram o que Deus lhes comandou escrevessem. O Espírito Santo pôs em suas mentes pensamentos e ideias, e então guiou suas canetas no escrevê-las e expressá-las. Ainda quando recorreram a antigos registros, crônicas, genealogias e listas de nomes, como certamente fizeram, eles as adotaram, fizeram uso e compilaram sob a direção do Espírito Santo. Quando ledes a Bíblia, não estais lendo a composição desassistida de homens autodidatas e falíveis, mas os pensamentos e palavras que foram sugeridos pelo Deus eterno. Os homens que foram empregados para registrar as Escrituras “não falavam de si mesmos”. “Falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (II Pe. 1.21). Aquele que tem em mãos uma Bíblia deve se lembrar de que não segura a palavra do homem, mas a de Deus. Ele porta um volume que *não apenas contém, mas que é a Palavra de Deus.*

Ao dizer tudo isto, não estarei enganado. Somente reivindico inspiração completa para as línguas originais em que os livros das Escrituras foram redigidos. Admito plenamente que copistas e tradutores não eram infalíveis, e que erros ocasionais podem ter adentrado o tex-

to sagrado, embora maravilhosamente poucos. Quando, portanto, alguns críticos objetam a uma palavra ou versículo aqui ou acolá, é razoável que lidemos com eles com paciência, e concordemos em discordar. Dificuldades sobre os significados de muitas passagens na Bíblia, discrepâncias aparentes, passagens obscuras, sem dúvida, sempre haverá. O livro como um todo, porém, não contém nada que não seja verdadeiro.

Infelizmente, porém, a batalha sobre a inspiração não se encerra aqui. Levantou-se entre nós uma escola de homens que audaciosamente nega a inspiração de grandes porções do Antigo Testamento. Declaram alguns, por exemplo, que o livro de Gênesis não possui autoridade divina nenhuma, não passando de uma coleção de interessantes ficções. Não posso encontrar palavras para expressar meu completo desacordo com tais teorias. Mantenho firmemente que o Antigo Testamento tem a mesma autoridade que o Novo, e que eles valiam, ou deixam de valer, juntos. Não podeis separá-los mais do que podeis separar urdidura e trama em um pedaço de tecido. Os escritores do Novo Testamento incessantemente citam as palavras do Antigo Testamento como tendo autoridade igual à sua própria, e jamais fazem a menor sugestão de que tais citações não devam ser consideradas como Palavra de Deus. A três vezes repetida frase de Nosso Senhor, tirada de Deuterônimo, “Está escrito”, quando tentado pelo diabo, é profundamente significativa e instrutiva (Mt. 4.5-10).

Mas isto não esgota minha objeção às teorias modernas. Eu argumento que ataques ao Gênesis são os que envolvem as mais perigosas consequências. Eles tendem a desonrar Nosso Senhor Jesus Cristo e seus apóstolos. Que eles aparentem considerar os eventos e pessoas mencionados no Gênesis como reais, históricos e verdadeiros, e não fictícios, é claro para qualquer leitor honesto dos Evangelhos e de Atos. Agora, como isto se pode explicar se Gênesis é, como alguns dizem, uma mera coleção de ficções? Não podeis explicá-lo senão na suposição de que Nosso Senhor e seus apóstolos o ignorassem, e não soubessem tanto quanto os críticos modernos sabem, ou ainda, que secretamente suprimissem seu conhecimento de modo a não ofender seus ouvintes. Deus nos livre de que adotemos qualquer dessas conclusões!

Confesso abertamente que minha alma inteira se revolta com esses ensinamentos modernos a respeito do Gênesis. Quando leio que Nosso Senhor Jesus Cristo é “um com o Pai”, que “nele estão ocultos todos os tesouros de sabedoria e de conhecimento”, que ele é “a Luz do Mundo”, minha mente não pode conceber a possibilidade de que ele estivesse ignorante, como teorias recentes sobre o Gênesis certamente denotam, embora eu admita plenamente a *Kenosis* de sua Encarnação. O bendito Salvador a quem fui ensinado a encomendar minha alma, na exata semana em que morreu pela minha redenção, falou do Dilúvio e dos dias de Noé como realidades! Se ele falou *em igno-*

*rância*, com o Calvário em plena vista, isto abalaria o próprio alicerce de minha confiança em seu poder para me salvar, e destruiria minha paz. Abomino a ideia de um Salvador ignorante! De toda desconfiança de qualquer parte da Bíblia podeis se salvar. Como pode um clérigo inglês ler uma passagem do Gênesis na igreja se não crer em sua inspiração, não o posso entender. E como, depois disto, ele possa solenemente subir ao púlpito, escolher um texto de Gênesis, pregar um sermão sobre ele e dele extrair aplicações, quando não crê em seu coração que o texto escolhido foi dado por inspiração, eu digo, é uma das coisas que enchem minha alma de assombro, e me fazem tremer pela arca de Deus. Bem e sabiamente foi chamada esta era de “uma era de rebaixamento teológico”. Aquele que admite apenas uma inspiração parcial da Bíblia foi comparado, com justiça, àquele que tem sua cabeça em um nevoeiro e os pés em areia movediça. Que sejais todos poupados de teorias como estas!

Aproveito a ocasião para declarar que me recuso a admitir que esteja correta a tradução de II Tm. 3.16 na Versão Revisada. Mantenho-me firmemente pela Versão Autorizada do texto, na companhia de Crisóstomo e Bengel, e mantenho que a tradução deste versículo dada pelos revisores é uma versão forçada, dura e antinatural das palavras gregas. A tradução “toda escritura” é amplamente justificada por “toda carne” em Lucas 3.6.<sup>4</sup>

**III** – Em terceiro lugar, exorto-vos a *agarrar-vos à antiga doutrina da pecaminosidade do pecado e da corrupção da natureza humana*.

Não posso encontrar palavras para expressar minha impressão da vastidão e importância deste assunto. É minha firme convicção que um conhecimento correto do pecado jaz na raiz de toda religião salvífica. A primeira coisa que Deus faz quando torna o homem nova criatura em Cristo é enviar luz ao seu coração e mostrar-lhe que é um pecador culpado. A criação material no Gênesis começou com “luz”, e assim também é a criação espiritual. Eu tenho uma convicção igualmente firme de que uma baixa e imperfeita visão do pecado está na origem da maior parte dos erros, heresias e falsas doutrinas do tempo presente. Se um homem não percebe a extensão e a natureza periculosa da doença de sua alma, não é de surpreender que se dê por satisfeito com remédios falsos e imperfeitos. Creio que uma das principais ca-

---

<sup>4</sup> *Authorized Version* (AV, “Versão Autorizada”), é o nome britânico da Bíblia conhecida nos Estados Unidos como *King James Version* (1611). A *Revised Version* (RV, “Versão Revisada”, 1885) foi a primeira e, até hoje, única revisão oficial da *Authorized Version*. O texto mencionado por Ryle (II Tm. 3.16) assim consta nas traduções mencionadas:

*AV: “Toda Escritura é dada por inspiração de Deus, e é útil para doutrina, para repreensão, para correção, para instrução na justiça”.*

*RV: “Toda escritura inspirada de Deus é também útil para o ensino, para repreensão, para correção, para instrução que é em justiça”. [N.T.]*

rências da Igreja no século XIX tem sido, e é, um ensinamento mais claro e completo acerca do pecado.

O pecado, não preciso lembrar a qualquer leitor da Bíblia, consiste em fazer, dizer, pensar ou imaginar qualquer coisa que não seja em perfeita conformidade com a mente e a lei de Deus. “Pecado”, como dizem as Escrituras, é “a transgressão da lei” (I Jo. 3.4). O menor desvio, interno ou externo, de um paralelismo matemático absoluto com relação à vontade revelada de Deus e seu caráter constitui pecado, e nos torna imediatamente culpados à vista de Deus. O Nono Artigo de nossa Igreja declara que o pecado é “a falha e corrupção da natureza de todo homem que naturalmente descende da linhagem de Adão, pela qual o homem muitíssimo se afasta da retidão original (*quam longissime*, no latim) e é por sua própria natureza inclinado ao mal, de modo que a carne cobiça sempre contra o espírito e, portanto, cada pessoa nascida no mundo merece a ira e a condenação de Deus”. O pecado, em suma, é a vasta doença moral que afeta toda a raça humana, em toda posição, classe, nome, nação, povo e língua, praga de governantes e estadistas, divisora de igrejas, destruidora da felicidade familiar, causa de todas as misérias do mundo.

Obrigo-me, agora, a declarar minha convicção de que a extensão, vileza e falsidade do pecado são uma matéria não trazida suficientemente à baila no ensinamento religioso destes últimos dias. Não digo que seja de todo ignorado. Mas digo que não tem sido apresentado às congregações em sua proporção escriturística e em harmonia com as duas grandes Confissões de nosso Livro de Oração<sup>5</sup>. As consequências são muito sérias.

---

<sup>5</sup> Refere-se o Autor às Orações de Confissão de Pecados das liturgias da Oração Matutina e Vespertina e da Santa Comunhão, as quais seguem.

*Da Oração Diária:*

**DEUS** Todo-Poderoso e misericordiosíssimo Pai; nós temos errado e nos desviado de teus caminhos qual ovelhas desgarradas; temos seguido por demais os caprichos e desejos de nossos próprios corações; temos transgredido tuas santas leis; temos deixado de fazer quanto deveríamos ter feito, e feito quanto não deveríamos fazer, e nada há em nós que esteja são. Tem, contudo, Senhor, misericórdia de nós, miseráveis transgressores; poupa aqueles, ó Deus, que te confessam as suas faltas; restaura quantos se fazem penitentes, segundo as tuas promessas declaradas à humanidade em Cristo Jesus, Nosso Senhor. E concede, ó misericordiosíssimo Pai, por amor dele, que doravante vivamos uma vida santa, justa e sóbria, para a glória de teu santo Nome. Amém.

*Da Santa Comunhão:*

**DEUS** Todo-Poderoso e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Criador de todas as coisas, Juiz de todos os homens; nós reconhecemos e deploramos nossos muitos pecados e iniquidade, os quais, incessantemente, temos mui lamentavelmente cometido, em pensamentos, palavras e ações, contra tua divina majestade, provocando tua justíssima ira e indignação contra nós. Nós sinceramente nos arrependemos, e de coração lamentamos estas nossas transgressões, a memória das quais nos é pesosa, o fardo das quais é intolerável. Tem piedade de nós, ó misericordiosíssimo Pai. Por amor de teu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, perdoa-nos o passado, e concede-nos que doravante sirvamos e agrademos a ti em novidade de vida, para a glória de teu Nome. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém. [N.T.]

Uma decorrência disto, estou convencido, é a imensa expansão do tipo de cristianismo *cerimonial, orientado pelos sentidos*, que vem varrendo a Inglaterra como uma enxurrada nos últimos quarenta anos, já tendo arrastado tantos consigo. Posso bem crer que haja muito de atraente e satisfatório nesse sistema de religião para uma certa classe de mentes, enquanto a consciência não tenha sido totalmente esclarecida. Mas quando essa maravilhosa parte de nossa constituição está plenamente desperta e viva, acho difícil crer que um cristianismo sensorial, cerimonial, nos satisfaça completamente. Uma criança pequena é facilmente aquietada e divertida por brinquedos chamativos, bonecos, guizos e chocalhos, enquanto não estiver com fome; porém, logo que sinta a necessidade da natureza dentro em si, sabemos que nada a satisfará, senão o alimento. Assim é o homem com relação à sua alma. Música, e canto, e flores, e estandartes, e belos paramentos, e confessionários e cerimônias fabricadas pelo homem de caráter semi-romanista, bem podem bastar ao homem sob certas condições. Mas, uma vez que ele desperte e se levante dentre os mortos, não se contentará com essas coisas. Parecer-lhe-ão meras insignificâncias solenes e uma perda de tempo. Uma vez que ele contemple seu pecado, ele precisará contemplar seu Salvador, de modo a obter descanso para sua alma. Sente-se atingido de uma enfermidade mortal, e nada o satisfará senão o Grande Médico. Tem fome e sede, e nada lhe bastará senão o pão da vida. Posso parecer audaz no que estou prestes a dizer, mas me arrisco, sem medo, a dizer que metade do semi-romanismo dos últimos quarenta anos jamais teria existido se o povo inglês tivesse sido ensinado de maneira mais plena e clara a respeito da natureza, vileza e pecaminosidade do pecado.

Creio que a forma mais provável de curar e reparar esse tipo defeituoso de religião é manifestar mais proeminentemente, e expor mais frequentemente, os Dez Mandamentos como o verdadeiro teste do pecado. Eles me parecem ter ficado para trás ultimamente, e, com a exceção do sexto e do oitavo, terem recebido menos atenção do que merecem. É de se estranhar que, em consequência da ministração da Ceia do Senhor no início da manhã, a Liturgia da Ante-Comunhão no culto matutino principal seja frequentemente omitida, de modo que, ultimamente, muitas pessoas raramente escutam o Decálogo<sup>6</sup>. Esforcemo-nos por reviver o velho ensino nas creches, escolas, colégios e universidades. Não nos esqueçamos de que “*a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo*”, e que “*pela lei vem o pleno conhecimento do pecado*” (I Timóteo. 1.8; Romanos. 3.20; 7.7). Tragamos a lei de vol-

---

<sup>6</sup> A manhã de domingo do anglicano médio, até meados do século XIX, era composta dos seguintes exercícios: Oração Matutina (cântico de Salmos e leituras bíblicas), Lítania (oração intercessória) e a Liturgia da Santa Comunhão, menos a ministração do Sacramento, que ocorria trimestralmente ou uma vez por mês.

O Movimento litúrgico de Oxford teve sucesso em restaurar a celebração semanal da Ceia do Senhor, embora em um horário diverso do culto principal, no início da manhã. Assim, o culto principal na Inglaterra passou a ser apenas Oração Matutina e Lítania, sem a primeira parte do Culto de Comunhão, que começa, justamente, com a leitura dos Dez Mandamentos. [N.T.]

ta a seu lugar, e chamemos a ela a atenção dos homens. Exponhamos e preguemos os Dez Mandamentos, e demonstremos o comprimento, a largura, a altura e a profundidade de seus requisitos. Foi assim que Nosso Senhor fez no Sermão do Monte. Foi assim que fizeram os grandes teólogos, como os Bispos Andrews, Leighton, Hopkins e Patrick, cujas obras sobre os Mandamentos são clássicos até hoje.

Fariamos bem em trilhar suas pegadas. Contemos com isto: os homens jamais virão a Cristo, permanecerão com Cristo e viverão para Cristo, a menos que sintam seus pecados e conheçam sua necessidade de um Salvador. Estes, os quais o Espírito Santo atrai a Cristo, são aqueles a quem este convenceu do pecado. Sem verdadeira convicção do pecado, os homens podem parecer vir a Cristo e segui-lo por um tempo, mas logo decairão e retornarão ao mundo.

Encomendo isto a vossa consideração particular: suspeito que o desejo prevalente de tornar as coisas agradáveis a vossos ouvintes, e o temor de causar ofensa pelo falar francamente têm muito a ver com a negligência da lei nos dias de hoje. Contudo, o testemunho da Bíblia é claro: “Pela lei vem o conhecimento do pecado” (Rm. 3.20, 7.7). As palavras do finado Bispo Lightfoot são profundamente verdadeiras: “A consciência do pecado é o verdadeiro caminho para o céu”.

**IV** – Em quarto lugar, exorto-vos a *agarrar-vos ao grande princípio fundante das Escrituras e de nossa Igreja, de que o perdão dos pecados somente é dado ao homem pela morte expiatória de Jesus Cristo na cruz.*

Este é um assunto profundo e solene; porém, há tamanha e imensa quantidade de doutrina estranha pairando no ar sobre ele, que não ouse passar ao largo. Parece-me jazer à raiz do Evangelho, de modo que é meu dever não calar-me.

Tanto quanto seja de meu entendimento, e não estou certo de que seja muito, a teoria de tantos parece ser que é a encarnação, e não o sacrifício (a assunção da natureza humana por Cristo, e não a morte que sofreu) o fundamento da esperança de nossas almas. Parecem sustentar que o sangue que “purifica de todo pecado” não é tanto o sangue vital que Cristo derramou ao morrer, mas o sangue da natureza humana da qual se tornou partícipe ao nascer neste mundo; e que por tal participação Cristo enobreceu toda a raça de Adão, tornando a salvação possível para o homem caído. Quanto à velha doutrina de que o sangue que correu no Calvário foi o resgate pago por nossas almas e o preço de nossa redenção da punição devida por nossos pecados, parece ter sido lançada fora por muitos como um dogma obsoleto, indigno de nossos dias. Alguns chegam a escarnecer dela como uma “teologia sangrenta”, e nos dizem que a morte de Cristo foi apenas a morte de um grande mártir, e um grande exemplo de perfeita submissão à vontade de Deus, mas não uma propiciação pelo pecado.

Ora, não sei o que alguns de vós pensam a respeito da teoria que tentei delinear, mas devo dizer francamente que não posso, por um momento sequer, admitir que seja verdadeira, e que resistirá a prova de um exame mais detido. A questão é tal que não ouse chamar qualquer um de mestre.

**1.** Não posso reconciliar essa teoria com dezenas de *textos diretos do Novo Testamento*, nos quais o perdão dos pecados, a salvação, a justificação, a reconciliação, a redenção, a salvação da ira vindoura e a paz com Deus parecem ser inseparavelmente ligados à paixão e morte de Cristo, e não com sua vida. A expressão em Romanos, “seremos salvos pela sua vida” (Rm. 5.10) é, por vezes, citada como resposta ao que venho dizendo. Este texto, porém, não significa nada além da vida de intercessão de Cristo, e é como as palavras em Hebreus: “pode salvar totalmente... vivendo sempre para interceder por eles” (Hb. 7.25). Quando Moisés e Elias apareceram na Transfiguração, o único assunto de que ouviram falar foi a morte do Senhor, não sua vida (Lc. 9.31). Quando os santos no Apocalipse nos são mostrados no cantar de um novo cântico perante o trono, seu tema era “Foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap. 5.10).

**2.** Não consigo reconciliar a teoria com a linguagem uniforme de nossos *formulários autorizados* a respeito da morte de Cristo. O *Te Deum*, a Litanía, a Liturgia de Visitação dos Enfermos, a Liturgia da Comunhão, todos contêm expressões acerca do precioso sangue e morte, os quais apontam para os sofrimentos vicários de Nosso Senhor no Calvário, como o objeto que os cristãos devem especialmente contemplar em todos os seus pensamentos, quando voltam seus olhos a ele por salvação. A redenção pela morte parece, a meus olhos, surgir por toda parte. A bem conhecida Homília da Salvação confirma esta visão completamente, sem falar nas demais Homílias<sup>7</sup>.

**3.** Não consigo reconciliar a teoria com o ensino uniforme da *dispensação do Antigo Testamento* sobre o caminho de acesso a Deus. O grande princípio que, como uma linha vermelha, atravessa todo o cerimonial mosaico, é a absoluta necessidade de sacrifício. Dia após dia, durante todo o ano, e especialmente na Páscoa, o judeu era ensinado por emblemas e figuras que “sem derramamento de sangue” não havia segurança para a alma, nem “remissão de pecados”. Se ao sistema mosaico cumpria manter na mente de Israel, por tipos e figuras, o grande sacrifício futuro do Cordeiro de Deus sobre o Calvário, e a redenção por seu sangue, posso bem ver sua razoabilidade. Mas se a morte vicária de Cristo não era o propósito de sua vinda ao mundo, a incessante mortandade de animais inocentes nos altares judaicos por mil e quatrocentos anos parece, a meus olhos, um desnecessário des-

---

<sup>7</sup> Trata-se aqui dos Livros das Homílias, textos autorizados pela Igreja da Inglaterra para leitura no momento do sermão, na ausência de pregadores licenciados. [N.T.]

perdício de vida animal, inconsistente com a misericórdia de Deus para com todas as suas criaturas, e não admite qualquer explicação satisfatória.

4. Em último lugar, mas não menos importante, não consigo reconciliar a teoria com *a linguagem uniforme de nosso Livro de Oração* no tocante à Ceia do Senhor. Nesta santa ordenança, São Paulo nos diz que “anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (I Co. 11.26). Sua morte, notai bem; não sua vida! Assim, nosso Catecismo ensina a toda criança que este bendito Sacramento foi ordenado “para a memória contínua do sacrifício da morte de Cristo”. A Liturgia da Comunhão, em certo trecho, fala da “meritória cruz e paixão de Cristo, pela qual, somente, nós obtemos remissão de nossos pecados”. Em outra parte, ela nos exorta a render graças de coração “pela redenção do mundo pela morte e paixão de Cristo, nosso Salvador”. Em uma terceira, ela nos diz que Deus entregou “seu único Filho, Jesus Cristo, para sofrer a morte sobre a cruz para nossa redenção, na qual realizou, por sua única oblação de si mesmo de uma vez por todas oferecida, completo, perfeito e suficiente sacrifício, oblação e satisfação pelos pecados de todo o mundo”. Se essas notáveis expressões não apontam para a morte de Cristo mais do que para sua vida, sua crucifixão mais do que sua encarnação, como o objeto da fé e único fundamento da esperança do homem por sua alma, não sei o que mais as palavras do Livro de Oração podem significar.

Não posso me alongar mais neste assunto tão solene. Se o tempo o permitisse, vos relembraria como a “história da cruz” e o sangue sempre foram a mais eficaz arma no campo missionário por todo o globo. Porém, os limites de uma Exortação não mo permitirão. Se outros se satisfazem em dar as costas às “veredas antigas” da redenção pelo sangue e substituição, e em apoiarem-se em uma vaga esperança de que, *de uma forma ou de outra*, serão salvos pela encarnação de Cristo, não serei seu juiz. Concedei-me, ao contrário, por minha fé, restar ao lado do nobre exército dos Mártires e a piedosa companhia dos Reformadores, pelo sangue e paixão de Cristo. Não ouse me lançar a um mundo desconhecido agarrado em qualquer outra tábua, senão nesta. Para usar as palavras inscritas em uma antiga lápide em Kent:

***De Cristo a morte minha vida é;  
Minha morte, da vida o portal;  
De modo que, por duas mortes,  
Alcançarei a vida eternal.***

V – Exorto-vos, em quinto lugar, a *agarrar-vos às sãs e escriturísticas posições a respeito da obra do Espírito Santo.*

A fé no Espírito Santo, devemos sempre nos lembrar, é verdadeiramente parte do cristianismo como fé em Cristo. Toda criança que repete o Catecismo da Igreja é ensinada a dizer “Aprendo a crer em

Deus Espírito Santo, que me santifica a mim e a todo o povo eleito de Deus”. Ademais, a obra do Espírito Santo, embora misteriosa, será sempre conhecida pelos frutos que produz no caráter e conduta daqueles em quem habita. É como luz que pode ser vista, e fogo que pode ser sentido, e vento que causa resultados perceptíveis. Onde não há frutos do Espírito, não há presença do Espírito. Tais frutos, não preciso dizer a vós, são sempre os mesmos: a convicção do pecado, vero arrependimento, viva fê em Cristo e santidade de coração e de vida.

Ora, creio que esta espécie de verdade sobre a obra do Espírito Santo precisa ser fortemente posta às nossas congregações no tempo presente. Temo que haja uma miríade de cristãos professos por toda a terra que nada sabem a respeito do Espírito Santo, exceto pela declaração de crença nele, no Credo. Parecem pensar que, como membros batizados de uma grande corporação eclesiástica, já possuem todos os privilégios de membresia. Mas da obra do Espírito em seus próprios corações, da conversão, do arrependimento, da fé, nada sabem. Estão espiritualmente adormecidos e mortos, e a menos que despertem, estão em grande perigo. Levantar tais pessoas a divisar sua condição insatisfatória, movê-las a ver que, se há Espírito Santo, elas devem conhecer alguma coisa dele por experiência interior, e jamais descansar até que o sintam. Esta é a obra que, estou convencido, cada clérigo deve ter continuamente em vista, e vos exorto a fazê-lo neste dia. Não apenas a pregar Cristo, mas cuidar também de pregar o Espírito Santo.

Não me limito a isto, porém. Há outras categorias de cristãos além desses que acabei de elencar, que precisam de ensino escriturístico sólido acerca da obra do Espírito Santo. Permiti-me explicar o que quero dizer. Suponho que nenhum membro inteligente da Igreja deixe de observar que, nos últimos anos, houve uma grande expansão do que chamo, por falta de expressão melhor, de “religião pública” nesta terra. Cultos de todos os tipos são curiosamente multiplicados. Locais de culto são escancarados para oração e pregação e administração da Ceia do Senhor, ao menos dez vezes mais do que eram cinquenta anos atrás. Cultos nas naves das catedrais; reuniões em grandes auditórios públicos como o Salão da Agricultura e o Edifício de Conferências Milmay; cultos missionários executados dia após dia e noite após noite; reuniões de santidade, convenções de vida superior; todas estas tornaram-se coisas familiares e comuns. São, de fato, instituições estabelecidas de nosso tempo, e as multidões que a elas afluem fornecem prova direta de que são populares. Resumindo, encontramos-nos face a face com o inegável fato de que o último quarto do século XIX é uma era com uma imensa quantidade de *religião pública*.

Não me oporei a isto. Que ninguém o suponha por um momento sequer! Pelo contrário, dou graças a Deus pelo avivamento do velho plano apostólico de “agressividade” na religião, e pela evidente disse-

minação de um desejo de, “por todos os meios, salvar alguns” (I Co. 9.22). Dou graças a Deus por cultos abreviados, missões nos lares e movimentos evangelísticos como os de Moody e Sankey, e de Mr. Aitken.<sup>8</sup> Dou graças a Deus por todo esforço organizado para elevar o padrão de santidade no País, que de há muito tem sido, e ainda é, terrivelmente baixo. Qualquer coisa é melhor do que torpor, apatia e inação. Se “*Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado... também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei*” (Fp. 1.18). Profetas e homens retos na Inglaterra uma vez desejaram contemplar tais coisas, e nunca as contemplaram. Se Whitefield e Wesley, Rowland, Grimshaw e Berridge ouvissem, em seus dias, que chegaria um tempo em que Arcebispos e Bispos ingleses não apenas autorizariam cultos missionários, mas participariam ativamente deles, mal posso pensar que acreditariam. Antes, suspeito, estariam tentados a dizer, como o nobre samaritano no tempo de Eliseu, “*Ainda que o Senhor fizesse janelas no céu, poderia suceder isto?*” (II Rs. 7.2).

Conquanto sejamos gratos pela expansão da religião *pública*, jamais devemos nos esquecer de que, a menos que seja acompanhada da religião *privada*, não tem aquela valor sólido e verdadeiro, e pode até produzir efeitos perniciosos. A corrida incessante atrás de pregadores sensacionais; a incessante assistência a reuniões abafadas e abarrotadas que se estendem a altas horas; a incessante sanha por novas emoções e as mais quentes novidades dos púlpitos: de todo esse tipo de coisas prevê-se que produzam um estilo de cristianismo profundamente doentio, e em muitos casos, temo, o fim e a ruína última da alma. Pois, infelizmente, aqueles que fazem da religião pública *tudo*, frequentemente são levados por meras emoções temporárias, depois de alguma grande mostra de oratória eclesiástica, a professar mais do que realmente sentem. Depois disto, só podem manter a altura que imaginam ter atingido por uma constante sucessão de excitações religiosas. Dessa forma, assim como acontece com consumidores de ópio e bebedores de destilados, chega um tempo em que a dose perde seu poder, e um sentimento de exaustão e descontentamento infiltra suas mentes. Com frequência, temo, o desfecho da história é um desvio de volta à morte e descrença, e um completo retorno ao mundo. E tudo resultado de não se ter nada além de uma religião *pública*! Quisera que as pessoas se lembrassem de que não foi o vento, o fogo ou o terremoto que mostraram a Elias a presença de Deus, mas “*o cicio suave e tranquilo*” (I Rs. 19.12).

Gostaria de elevar uma voz de alerta nesta questão. Lembraivos, eu não gostaria de ver qualquer declínio da religião *pública*, mas desejo promover uma expansão daquela religião que se dá em particular, entre cada homem e seu Deus, a religião que é mais belamente exibida no lar. Quero ver mais atenção dada àquelas graças passivas que são a maior evidência da obra do Espírito. Ser religioso entre reli-

<sup>8</sup> Rev. W. Hay M. H. Aitken, Bispo de Liverpool, 1891; fundou a Sociedade Missionária Paroquial da Igreja em 1876; pregador missionário.

giosos, e espiritual entre espirituais é comparativamente fácil. Mas adornar-se do Evangelho e ser à imagem de Cristo no meio de um grande círculo familiar de parentes inconversos e discordantes; ser sempre paciente, gentil, amoroso, benigno, altruísta, temperante; este é o maior fruto do Espírito Santo. Queremos mais deste tipo de religião. A raiz de uma planta ou árvore não se mostra sobre a terra. Se cavarmos até ela e a examinarmos, é algo sujo, grosseiro e em nada tão belo aos olhos como um fruto, folha ou flor. Não obstante, essa raiz desprezada é a verdadeira fonte da vida, saúde, vigor e fertilidade que nossos olhos veem, e sem ela a planta ou árvore rapidamente morreriam. Ora, a religião privada é a raiz de todo cristianismo vivo. Sem ela, podemos dar bravas mostras na reunião ou no palanque, cantar em alta voz, verter muitas lágrimas, fazer um nome, e receber o louvor dos homens. Mas sem ela, estamos mortos perante Deus.

Nossos ancestrais tinham menos meios e oportunidades do que nós. Reuniões religiosas lotadas e multidões, exceto ocasionalmente em um grande auditório ou no campo, quando homens como Whitefield, Wesley ou Rowland pregavam, eram coisas que desconheciam. Seu proceder não era prestigioso ou popular, e frequentemente lhes trazia mais perseguição e desacato do que louvor. Mas as poucas armas que empregavam, empregavam bem. Tenho uma forte impressão de que tinham entre si mais da presença do Espírito Santo do que nós temos. Em quantidade de religiosos professos, nós há muito os ultrapassamos; em qualidade, temo, estamos tristemente para trás. Com menos barulho e aplauso do homem, eles fizeram, creio, uma marca mais profunda por Deus em sua geração do que nós, com todas as nossas conferências, reuniões, pontos missionários, salões e dispositivos religiosos. Seus conversos, suspeito, como as fazendas e tecidos de outrora, resistiam melhor ao desgaste, duravam mais, se desbotavam menos e conservavam sua cor; eram mais estáveis e arraigados do que muitos dos infantes de nosso tempo. E qual a razão disto? Simplesmente, creio, davam mais atenção à religião privada do que nós geralmente fazemos. Havia uma operação mais profunda, sólida e silenciosa do Espírito Santo entre eles. Havia mais leitura particular da Bíblia e oração particular. Eles andavam próximos de Deus em particular, e ele os honrava em público. Eis, sigamo-los assim como seguiam a Cristo! Exortemos nosso povo a ir e fazer o mesmo. Honremos ao Espírito Santo mais do que temos feito.

**VI** – Exorto-vos, em seguida, a *agarrar-vos à antiga doutrina de nossa Igreja acerca dos dois Sacramentos.*

Não suponhais que discutirei as espinhosas questões ligadas à Liturgia do Batismo e ao Ritual da Ceia do Senhor. Nada disto! O único pormenor ao qual chamarei a vossa atenção é a importância de sempre ensinar a necessidade da correta recepção dos Sacramentos. Não devemos apenas recebê-los, mas recebê-los *corretamente.*

Sois todos sabedores que posições extravagantes acerca dos efeitos do Batismo e da Ceia do Senhor foram, em todas as eras da Igreja, a mais fértil fonte de pernicioso superstição. Tal é a intensidade da tendência natural do homem ao formalismo na religião, que miríades sempre se agarraram à ideia de que esses dois Sacramentos necessariamente conferem graça àqueles que os recebem, independentemente da fé, e que operam sobre a alma como que de uma forma física, por assim dizer, assim como remédios sobre o corpo. A intrincada linguagem retórica dos Pais sobre eles produziu imenso mal nas primeiras eras. A Igreja de Roma padronizou e cristalizou o erro por decreto do Concílio de Trento, que reza: “Quem quer que afirme que graça não é conferida por estes Sacramentos da nova lei, por seu próprio poder (*ex opere operato*), mas que a fé na divina promessa é tudo quanto se faz necessário para a obtenção de graça, que seja anátema”.<sup>9</sup> Milhares de membros da Igreja inglesa, conscientemente ou não, parecem sustentar praticamente a mesma posição que a Igreja de Roma, e atribuir à mera administração externa dos dois Sacramentos, do Batismo e da Ceia do Senhor, uma espécie de influência e poder invariáveis, não importa como, com que disposição, intenção, coração ou espírito sejam empregados.

Ora, a essas posições extravagantes acerca do efeito dos Sacramentos, afirmo sem hesitar que a Igreja da Inglaterra não contempla de forma alguma. O Artigo 25 declara de forma direta acerca dos dois Sacramentos, que “*somente* naqueles que dignamente os recebem, têm eles efeito ou operação benfazeja; mas a quantos os recebem indignamente, adquirem sobre si condenação”. O Artigo 28 declara, “A quantos digna e corretamente, e com fé, os recebem, o pão que partimos é a comunhão do Corpo de Cristo, e igualmente o cálice que abençoamos é a comunhão do Sangue de Cristo”. O Artigo 29 declara, “Os ímpios, e tantos quantos são *destituídos de uma fé viva*, embora carnal e visivelmente mastiguem com seus dentes o Sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, de forma alguma são partícipes de Cristo; antes, para a sua condenação comem e bebem o sinal [externo] ou Sacramento de tão augusta [Comunhão]”.

Espero que meu clero neste dia mantenha-se firme nesta questão. Temo que haja uma triste disposição em abrir mão e recuar da verdade escriturística e da posição da Igreja da Inglaterra neste sentido. Em parte por um temor de não se honrar suficientemente os Sacramentos, em parte pela pressão do ensino moderno, há uma forte tendência de exaltar o Batismo e a Ceia do Senhor a uma posição nunca dada a eles nas Escrituras, especialmente nas Epístolas pastorais. Firmemos nossos pés sobre os sábios e moderados princípios dispostos em nossos Artigos, e recusemos avançar um centímetro sequer além. Honremos os Sacramentos como ordenanças divinas apontadas pelo próprio Cristo, benditos meios de graça, embora, digo com

---

<sup>9</sup> J. M. Cramp, *A text-book of Popery*. Londres, 1851, p. 155.

pesar, escandalosamente negligenciados por muitos de nossos membros, que jamais se achegam à Mesa do Senhor. Contudo, recusemos, inabalavelmente, a admitir que os Sacramentos de Cristo confirmam graça *ex opere operato*, pelo ato externo, e que em todo caso em que sejam administrados, benefício seja obrigatoriamente haurido, não importa como ou por quem sejam recebidos. Recusemo-nos a admitir que eles são o principal *veículo*<sup>10</sup> entre Cristo e a alma – acima da fé, da pregação, da oração, e mesmo da Palavra. Mantenhamos, com o prudente Hooker, que “nem todos os que recebem os Sacramentos da graça de Deus recebem graça de Deus”. Acima de tudo, jamais encorajemos qualquer um a supor que receberá qualquer benefício da Ceia do Senhor, a menos que venha a ela nas condições dispostas ao final do Catecismo da Igreja, “com arrependimento pelo pecado, com viva fé em Cristo e com caridade para com todos os homens”. Paulo afirma que existe tal coisa como “comer e beber indignamente” na Ceia do Senhor. Instar para que se tornem comungantes aqueles que nem se arrependem, nem creem, não é bondade nenhuma, e causa mais males do que bem.

**VII** – Em sétimo lugar, exorto-vos a *reter a antiga doutrina da Igreja da Inglaterra a respeito da santidade e da correta observância do Dia do Descanso*.

Elenco este argumento porque nosso antigo domingo inglês parece-me correr grande perigo. Vivemos em dias perigosos. Em parte pela disseminação da infidelidade, velha inimiga do Dia do Senhor; em parte pelo mórbido amor pela liberdade e pelo deixar cada um fazer como quiser; em parte pelo exagerado amor pelo prazer que marca esta era; em parte pelas facilidades conferidas pelas ferrovias para viagens aos domingos, as quais nossos pais não conheceram, e sem as quais eles se viravam muito bem; em parte por um motivo, em parte por outro, o diabo anda conseguindo mais ajuda em sua campanha contra o Dia do Senhor do que jamais teve desde a Reforma. Vereis do que eu estou falando, nas insistentes tentativas de fazer abrir os lugares de diversão, aquários, bibliotecas, teatros, museus, galerias e afins, sob o crível pretexto de “fornecer recreação às classes trabalhadoras”! Todas essas tentativas, eu insisto, devem ser firme e vigilantemente resistidas. São os primeiros passos rumo ao domingo dos [europeus] continentais, a uma enxurrada de profanação do Dia do Senhor, lojas abrindo aos domingos e até o correio funcionando em Londres. Não gostaria que desseis margem a tais tentativas. “Sem rendição!” deveria ser o nosso brado. Lutemos até o último homem pelo antigo domingo inglês. Abramos mão das guaritas externas e logo o forte todo cai.

Que leigos de alta posição e instrução, nobres, filósofos e cientistas palestrantes auxiliem a tentativa de romper com o padrão de

---

<sup>10</sup> No original, *media*, “mídia” [N.T.]

observância do domingo, é profundamente lamentável. Posso apenas supor que o façam em ignorância. Se eles estudassem corações, consciências e sentimentos em leitos de morte tanto quanto estudam economia política, ou pedras, plantas, animais, geologia, astronomia, luz, e química, e os segredos da terra, do ar e do mar, creio que não agiriam como fazem. Lamento e oro por eles. “Não sabem o que fazem”.

Mas como qualquer clérigo a serviço da Igreja da Inglaterra, que lê o Quarto Mandamento todo domingo para sua congregação, pode se prestar a auxiliar movimentos que, se bem sucedidos, infalivelmente evitam que o Dia do Descanso seja santificado, é um dos mistérios do século XIX que ultrapassam meu entendimento. Estou abismado, aturdido, pasmo, pesaroso e assombrado. Todo bem que o melhor dos clérigos faz neste mundo caído é pouco. Mas aquele que espera fazer qualquer bem ao introduzir o domingo dos [europeus] continentais em sua paróquia demonstra, a meu ver, enorme ignorância da natureza humana, não importa quão excelentes sejam as suas intenções. Está cortando fora sua mão direita e destruindo sua própria utilidade. Quaisquer que sejam os maus hábitos das classes trabalhadoras nas grandes paróquias, não serão vencidos organizando-se meios de se quebrar o Quarto Mandamento. Ora, nós chamaríamos de mau legislador o político que legalizasse os pequenos furtos para evitar assaltos; e eu chamo de insensato o clérigo que, de modo a prevenir a embriaguez e seus sucedâneos, esteja disposto a lançar fora o Dia do Descanso. É certo que sacrificar um mandamento de modo a prevenir a quebra de outro não é cristianismo, nem bom senso. É, na minha opinião, “fazer o mal esperando algum bem”.

A melhor forma prática de resistir ao ataque feito ao Dia do Senhor no presente é fornecer às classes trabalhadoras instrução clara e direta sobre o assunto, e abrir seus olhos a seu significado. Não me desculparei por instar meus irmãos de ministério a fazer isto incessantemente.

Dizei às classes trabalhadoras que não se ludibriem nem se iludam com aqueles que querem a santidade do Dia do Senhor mais publicamente invadida do que já é, embora se apresentem como seus “amigos”! Não importa quão bem intencionadas e eloquentes tais pessoas sejam, não são amigos verdadeiros. São, na verdade, seus piores inimigos. Estão adotando o caminho mais certo para lançar sobre eles seus fardos. Provavelmente não é sua intenção, mas na realidade estão lhes causando um dano cruel.

Dizei aos trabalhadores que, se os domingos da Inglaterra se tornarem dias de lazer e diversão, logo se tornarão dias de trabalho e labor. Vão é supor que isso não acontecerá. Jamais se deu o contrário em outros países, e não seria diferente em nosso próprio país. Uma vez estabelecido que bibliotecas, galerias, aquários, museus e exposições abram aos domingos, a cunha já estará ao pé da porta. O inimigo

já terá adentrado as muralhas. A sacralidade do dia de descanso estará perdida. Lojas logo teriam de abrir. Fazendeiros insistiriam em cultivar a terra ou recolher o feno ou o milho aos domingos. As fábricas seguiriam funcionando. Empreiteiros fariam avançar suas obras.

Aos trabalhadores, dissei que se perderem o velho domingo inglês, logo descobrirão que perderam seu melhor amigo. Dissei-lhes que os que desejam lhes assegurar um pouco mais de tempo para o descanso e o lazer não deveriam tirar esse tempo do domingo. Que o tirem de um dos outros seis dias de trabalho, se possível, mas não do Dia do Senhor. Dissei-lhes que, assim como o mundo tem seis dias para os seus negócios, e Deus deixou apenas um para os seus próprios, não é mais do que justo e correto que o mundo abra mão de algum de seu próprio tempo antes de começar a roubá-lo de Deus.

Afinal, há um porvir, uma vida após a morte, uma eternidade, quer no céu, quer no inferno. Todos deveremos morrer, ao final, e comparecer perante o trono do julgamento de Cristo, quando ressuscitarmos. Nunca, jamais cessemos de sustentar e proclamar estas grandes realidades, quer os homens nos ouçam, quer nos ignorem. Jamais deixemo-los esquecer que o valor que depositamos no Dia do Senhor, e a maneira em que o passamos são alguns dos mais úteis e penetrantes testes de nossa aptidão para a morte e nossa prontidão para o céu.<sup>11</sup>

**VIII** – Em oitavo lugar, exorto-vos a *reter o ensino das Escrituras e do Livro de Oração a respeito do estado do homem após a morte.*

É um assunto muito grave e doloroso, e carne e sangue naturalmente se arrepiam à sua contemplação. Porém, tantas doutrinas estranhas têm pairado no ar sobre a questão, que não ousou recusar considerá-la. As palavras da Bíblia e da Liturgia sobre o “julgamento vindouro” e a futura punição daqueles que morrem impenitentes parecem-me tão marcantes que não vejo como possam ser minimizados por racionalização. Os que objetam à doutrina da punição futura falam alto sobre amor e caridade, e dizem que ela não se harmoniza com o caráter misericordioso e compassivo de Deus. Mas o que dizem as Escrituras? Quem jamais falou palavras tão amorosas e misericordiosas como Nosso Senhor Jesus Cristo? Todavia, seus são os lábios que por três vezes descreveram o resultado da impenitência e do pecado, como “a traça que nunca morre, o fogo que não se apaga”. É ele quem fala em uma mesma frase dos ímpios seguindo para o “castigo eterno”

---

<sup>11</sup> Em setembro de 1889, o governo francês, ansioso por adotar medidas para resgatar “o descanso perdido”, convocou um congresso internacional para considerar o que poderia ser feito para assegurar o descanso para a França. Delegados compareceram da Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Suíça, Bélgica, Itália, Noruega, Áustria, Brasil e muitos outros países. M. Leon Say, Ministro do Comércio, presidiu e quarenta e oito resoluções foram aprovadas, todas a favor do Dia do Descanso.

e “os justos, para a vida eterna” (Mc. 9.43-48; Mt. 25.46).<sup>12</sup> Quem não se lembra das palavras do Apóstolo Paulo sobre a caridade? No entanto, é ele o Apóstolo que diz que os ímpios “sofrerão penalidade de eterna destruição” (II Ts. 1.9). Quem não conhece o espírito de amor que corre através do Evangelho de São João e suas Epístolas? Contudo, o Apóstolo amado é o escritor neotestamentário que mais enfaticamente se alonga, no livro do Apocalipse, sobre a realidade e a eternidade das penas futuras. Que diremos dessas cousas? Acaso sabemos nós mais do que o que está escrito? Admitiremos o perigoso princípio de que as palavras das Escrituras não significam o que parecem significar? Se é o caso, onde pararemos nós? Não será muito melhor pôr nossas mãos à boca e bradar “o que quer que Deus tenha escrito deve ser verdade”? “Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos” (Ap. 16.7).

*As palavras do Livro de Oração* sobre este profundo e temível assunto são notáveis. Quase que desde a primeira petição, nossa inigualável Litania contém a oração “Da condenação eterna, livra-nos, ó bom Senhor”. O Catecismo ensina a cada criança que o aprende que, quando quer que recitemos a Oração do Senhor, desejamos que o Pai Celeste nos “livre de nosso inimigo espiritual e da morte eterna”. Mesmo em nossa Liturgia Fúnebre, oramos junto ao túmulo “Não nos entregues às amargas penas da morte eterna”. Uma vez mais vos pergunto, “Que diremos destas cousas?”. Ensinaremos nossas congregações que mesmo que as pessoas vivam e morram em pecado, podemos esperar por sua felicidade em um futuro remoto? É certo que o senso comum de muitos de nossos congregantes responderá que, se é o caso, as palavras do Livro de Oração não significam nada.

Não me arrogo como um conhecedor excepcional das Escrituras. A cada dia, sinto não ser mais infalível do que o Bispo de Roma. Mas devo falar segundo a luz que Deus me tem concedido, e não creio que estarei cumprindo meu dever se não levantar uma voz de alerta nesta questão, nem tentar pôr em guarda o Clero de minha Diocese. Seis mil anos atrás, o pecado entrou no mundo pela ousada falsidade do diabo: “É certo que não morreréis” (Gn. 3.4). Ao cabo de seis mil anos, o grande inimigo da humanidade ainda está a empregar a mesma arma, tentando persuadir os homens de que podem viver e morrer em pecado, e ainda em um período distante serem finalmente salvos. Não ignoremos seus ardis. Trilhemos inabaláveis as veredas antigas. Agar-

---

<sup>12</sup> “Se Deus pretendesse nos dizer que a punição dos ímpios não teria fim, o teor com que foram redigidas as Escrituras dificilmente poderia garantir mais plenas e certas palavras do que as que foram empregadas; igualmente, e de forma que decide quase que peremptoriamente a questão, a duração do castigo dos ímpios é expressa na mesma frase com a mesmíssima expressão usada para descrever a duração da felicidade dos justos.” Arcebispo Tillotson, sobre os tormentos do inferno. Cf. HORBERY, Matthew. *Scripture doctrine of eternal punishment*. vol. II, p. 42.

remo-nos à antiga verdade e creiamos que, assim como a felicidade dos salvos é eterna, também o será a miséria dos perdidos.<sup>13</sup>

1. Agarremo-nos a ela *no interesse de todo o sistema da religião revelada*. Qual teria sido o propósito do Filho de Deus encarnar-se, agonizar no Getsêmane e morrer na cruz para fazer expiação, se os homens podem, ao final, ser salvos sem crer Nele? Onde está a menor prova de que a fé salvífica no sangue de Cristo pode começar após a morte? Onde está a necessidade do Espírito Santo se os pecadores, ao final, entrarão no céu sem conversão e renovação de seu coração? Onde podemos encontrar a menor evidência de que qualquer um pode nascer de novo após a morte e ter um coração novo, se morrer em um estado degenerado? Se um homem pode escapar à punição eterna final, sem fé em Cristo ou santificação do Espírito, o pecado não mais consiste em um mal infinito, e não havia necessidade nenhuma de que Cristo morresse no Calvário.

2. Agarremo-nos a ela *pelo bem da santidade e da moral*. Posso imaginar que nada seja tão agradável à carne e ao sangue quanto a curiosa teoria de que podemos viver em pecado e ainda assim escapar à perdição eterna; e que, embora “sirvamos a diversas luxúrias e prazeres” enquanto aqui estamos, de uma forma ou de outra todos alcançaremos o céu! Ora, digei ao jovem que “esbanja seus bens em uma vida escandalosa” que haverá céu afinal, mesmo para os que vivem e morrem no pecado, e ele provavelmente jamais se converterá do mal. O que significa a forma como vive, se não há julgamento vindouro? Por que deveria se arrepender e tomar a cruz se pode alcançar o céu sem tais aborrecimentos?

3. Finalmente, retenhamo-la *pelo bem das esperanças em comum de todos os santos de Deus*. Compreendamos que cada golpe dado contra a eternidade da punição é um golpe dado igualmente à eternidade da recompensa. É impossível separar as duas coisas. Nenhuma definição teológica, por mais engenhosa que seja, pode dividi-las. Elas permanecem juntas ou desmoronam juntas. As mesmas palavras são usadas, as mesmas figuras de linguagem empregadas, quando a Bíblia fala sobre qualquer dessas condições. Cada ataque à duração do inferno é também um ataque à duração do céu.<sup>14</sup> É um ditado profundo e verdadeiro, “Nossa esperança se esvai junto com o temor do pecador”.

---

<sup>13</sup> “Nada há que Satanás deseje mais do que nós acreditarmos que ele não existe, e que não existe tal lugar, o inferno, nem tais coisas como tormentos eternos. Ele sussurra tudo isto em nossos ouvidos e exulta quando ouve um leigo, e mais ainda quando ouve um clérigo negar tais cousas, pois então espera torná-los, e a outros, suas vítimas.” Bispo Christopher Wordsworth, *Sermon on future rewards and punishments*, p. 36.

<sup>14</sup> “Se a punição dos ímpios é apenas temporária, também o será a felicidade dos justos, o que repugna a todo o ensinamento das Escrituras; mas se a felicidade dos justos será eterna (os quais serão iguais aos anjos, e seus corpos, ao corpo de Cristo), assim também será a punição dos ímpios. Bispo Christopher Wordsworth, *Sermon on future rewards and punishments*, p. 36.

Deixo esta parte de minha Exortação com um forte sentimento de dor. Sinto intensamente, como Robert M'Cheyne, que “é um assunto difícil de abordar amorosamente”. Mas deixo-a com uma igualmente forte convicção de que, se cremos na Bíblia, não devemos jamais abrir mão de qualquer coisa que ela contém. Da dura, austera e impiedosa teologia, livra-nos, ó bom Senhor! Se os homens são forem salvos, não é porque Deus não os ama e não está disposto a salvá-los, mas porque “*não querem vir a Cristo*” (Jo. 5.40). Mas não devemos presumir sermos mais sábios do que o que está escrito. Nenhuma mórbida tolerância, por assim dizer, nos deve induzir a rejeitar qualquer coisa que Deus tenha revelado acerca do mundo vindouro. Os homens por vezes falam exclusivamente da misericórdia, amor e compaixão de Deus, como se não tivesse outros atributos, e deixam completamente fora de vista sua santidade e sua pureza, sua justiça e sua imutabilidade e seu ódio do pecado. Cuidemos em não cair nesta ilusão. É um mal crescente nestes últimos dias. Opiniões baixas e inadequadas a respeito da impronunciável vileza e podridão do pecado, e da impronunciável pureza do Deus eterno são fontes férteis de erro acerca do estado futuro do homem. Consideremos o poderoso ser com quem estamos tratando, como ele mesmo declarou seu caráter a Moisés, dizendo “*Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade, que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado*”. Mas não nos esqueçamos da grave cláusula que conclui a frase: “*ainda que não inocenta o culpado*” (Ex. 34.6-7). O pecado sem arrependimento é um mal eterno, e não pode, jamais, cessar de ser pecado; e aquele com quem tratamos é um Deus eterno.

**IX** – Em último lugar, exorto-vos a *vos agarrardes aos grandes princípios protestantes sobre os quais a Igreja da Inglaterra foi reformada trezentos e cinquenta anos atrás, e que resistais firmemente a todas as tentativas de promover reunião com a Igreja de Roma.*

Um tempo houve em que seria desnecessário a um Bispo estender tal conselho a seu Clero. Mas os tempos estão estranhamente mudados. Nenhum espectador inteligente pode deixar de observar que o tom da opinião pública na Inglaterra a respeito do romanismo passou por uma grande mudança nos últimos sessenta anos. Não há mais o descaso generalizado, resistência e aversão ao papado que já foram quase universais neste reino. O fio do antigo sentimento britânico a respeito do protestantismo parece estar cego. Alguns declaram estar cansados de toda a polêmica religiosa, e estão dispostos a sacrificar a verdade de Deus pelo bem da paz. Alguns olham para o romanismo como simplesmente uma entre muitas das formas inglesas de religião, nem melhor nem pior do que as outras. Alguns tentam nos convencer de que o romanismo mudou, e não é mais tão mau como costumava ser. Alguns audaciosamente apontam para as falhas dos protestantes, e bradam que os romanistas são tão bons quanto nós mesmos. Alguns consideram ser normal e tolerante defender que não temos o direito de

considerar errados quaisquer que paguem seus impostos e sejam sinceros sobre seu credo. E ainda os dois fatos históricos; primeiro, que a ignorância, imoralidade e superstição reinaram supremos sobre a Inglaterra quatrocentos anos atrás sob o papado, e segundo, que a Reforma foi a maior bênção que Deus já concedeu a esta terra; são ambos fatos que ninguém, senão um romanista, jamais pensou em negar cinquenta anos atrás! No presente, porém, eis que tornou-se conveniente e até da moda esquecê-los. Em suma, no ritmo em que caminhamos, não me surpreenderá se logo for proposta a revogação do Ato de Estabelecimento por ser excessivamente restritivo e intolerante para o século XIX, e permita-se que a Coroa da Inglaterra seja posta por um papista.<sup>15</sup>

As *causas* desta melancólica mudança de opinião não são difíceis de descobrir.

**1.** Ela surge, em parte, do incansável zelo da própria Igreja romana. Seus agentes jamais cochilam ou dormem, não importa o que digam os membros da Igreja Inglesa. Com zelo inabalável, eles palmilham mar e terra para fazer um prosélito que seja. Com vigilante pertinácia, digna das melhores causas, eles não deixam uma pedra sequer sem ser vasculhada, em palácio ou oficina, para promover sua causa.

**2.** Ela foi avançada imensamente pelo proceder de um grupo zeloso, bem-intencionado mas infelizmente equivocado dentro da Igreja da Inglaterra, o qual gerou muitos conversos, como Newman e Manning, para a Igreja de Roma. O novo ensinamento e ritual dos dias modernos gradualmente familiarizaram o povo com cada doutrina e prática distintiva do romanismo – a presença real, a missa, a confissão auricular e absolvição sacerdotal, o caráter sacerdotal do ministério, o sistema monástico e um estilo de culto público histriônico, ostensivo, orientado pelos sentidos. O resultado natural é que muitas pessoas simples não veem grande mal no papismo genuíno.

**3.** Por último, mas não menos importante, a espúria tolerância dos dias em que vivemos auxilia a tendência romanizante. Está na moda atualmente dizer que todas as seitas deveriam ser consideradas iguais, que o Estado não deveria se envolver com religião, que todos os credos deveriam ser contemplados com igual favor e respeito, e que há um substrato de verdade comum no fundo de todas as religiões, quer budismo, quer maometanismo, quer cristianismo! A consequência é que miríades de pessoas ignorantes começam a pensar que não há nada de peculiarmente perigoso nos postulados dos papistas, não mais do que nos postulados dos metodistas, dos independentes, dos presbiterianos ou batistas, e que deveríamos deixar o romanismo em

---

<sup>15</sup> Cf. o Apêndice.

paz e jamais expor seu caráter anti-escriturístico e desonroso para com Cristo.

As *consequências* dessa mudança de opinião, ousou dizer, serão as mais perniciosas e desastrosas, a menos que membros leais da Igreja sejam levantados a observar seus perigos. Uma vez que o papa ponha novamente seu pé ao pescoço da Inglaterra, dar-se-á o fim de toda a nossa grandeza nacional. Deus nos abandonará, e afundaremos ao nível de Portugal e Espanha. Com a leitura da Bíblia desencorajada e sua interpretação individual proibida, com o caminho para a cruz de Cristo estreitado ou bloqueado, com o sacerdócio reestabelecido, com a confissão auricular disposta em cada paróquia, com mosteiros e conventos espalhados pelo país, com mulheres em toda a parte ajoelhando-se como servos e escravos aos pés dos clérigos, com os homens lançando fora toda a fé e tornando-se céticos, com as escolas e faculdades transformadas em seminários do jesuitismo, com o livre pensamento abandonado e anatemizado; com todas essas coisas a distintiva varonilidade e independência do caráter britânico serão arruinadas. E todas estas coisas, creio firmemente, virão, a menos que a antiga opinião a respeito do valor do protestantismo possa ser revivida.

Alerto a todos quantos ouvem esta Exortação, que os tempos exigem de vós que desperteis e estejais em guarda. Estejais prontos, com toda a diligência, segundo os votos de vossa ordenação, a “repelir toda doutrina errônea e estranha, contrária à Palavra de Deus”. Agarrai-vos firmemente, peço-vos, aos antigos e leais princípios da Igreja Alta<sup>16</sup> de Andrews, Hooker, Ken, Taylor, Barrow, Stillingfleet, Bull e Beveridge, se em livre consciência os preferirdes. Porém, como esses grandes teólogos, resisti ao romanismo, e estejais alerta de qualquer ensinamento religioso, o qual, consciente ou inconscientemente, pavimente o caminho para ele. Imploro-vos que percebais o doloroso fato de que o protestantismo deste país está baixando como a maré, e peço-vos, enternecidamente, como cristãos e patriotas, que resisti a crescente tendência de se esquecer as bênçãos da Reforma inglesa.

Por amor de Cristo, por amor à Igreja da Inglaterra, por amor a nosso país, por amor a nossas crianças, não soltemos nossas amarras, não fiquemos à deriva rumo às águas que nossos pais sabiamente deixaram trezentos e cinquenta anos atrás. Eles se separaram de Roma por justos e suficientes motivos, como o Bispo Jewel demonstrou em seu opúsculo, *Apology*. Tais razões persistem nos dias de hoje, inabaladas e irrefutadas. Por nove vezes, vossos Trinta e Nove Artigos condenam, em linguagem franca e explícita, as doutrinas motrizes da

---

<sup>16</sup> Os nomes que seguem ilustram a antiga posição *High Church* (partido da “Igreja Alta”) a respeito do papel da Igreja e dos meios de graça na sociedade e seu envolvimento com o Estado. No tempo de Ryle e por todo o século XX, porém, o nome *High Church* passou a ser associado não com esses nomes e suas posições, mas com as doutrinas do Movimento de Oxford (ritualistas) e do Anglo-Catolicismo (Cf. Nota 19). [N.T.]

Igreja de Roma, e estes Artigos continuam a vincular cada ministro da Igreja da Inglaterra. Decidamo-nos a não ter paz com Roma até que esta abjure seus erros, e esteja em paz com Cristo. Até que Roma o faça, a reunião das igrejas ocidentais, da qual tantos falam em tom de vanglória, e para a qual chamam nossa atenção, é um insulto à Igreja da Inglaterra.

Devo, agora, concluir esta longa Exortação. Temo que parecerá a muitos uma ressequida afirmação de pontos teológicos fossilizados, indigna do século XIX. Que seja. Contento-me em esperar. Os sombrios dias de pesar, o leito de enfermidade, o leito de morte, e acima de tudo, o dia do julgamento, nos ensinarão a todos, daqui a alguns anos, se a antiga teologia, a qual os homens se orgulham de desprezar em 1890, são algo a ser desprezado. Concluirei com algumas palavras práticas a respeito de nosso dever presente e futuro.

**1.** Quanto *ao presente*, vão é negar que nossa amada igreja está situada em uma perigosíssima posição por nossas “infelizes divisões” e a conspícua ausência de qualquer tentativa de curá-las. Ano após ano, o abismo entre os partidos discordantes dentro de nosso estandarte parece se alargar e aprofundar, e alguma catástrofe violenta parece, em última análise, inevitável. Enquanto aquele intrincado enigma, a Rubrica dos Ornamentos, a qual é interpretada de duas formas diametralmente opostas, permanecer em nosso Livro de Oração<sup>17</sup>; enquanto clérigos conscienciosos de nossa Igreja consideram as Cortes

---

<sup>17</sup> Rubrica (instrução litúrgica) que trata da paramentação dos ministros e das igrejas no culto público, a qual foi inserida pela primeira vez na edição de 1559 do *Livro de Oração Comum* inglês e permaneceu nas revisões de 1604 e 1662. Seu texto reza:

*¶ A Oração Matutina e a Oração Vespertina serão celebradas no lugar costumeiro da Igreja, Capela ou Presbitério, salvo por determinação diversa do Bispo do lugar. E os Presbitérios permanecerão como sempre foram no passado.*

*¶ Note-se, ademais, que os Paramentos da Igreja e de seus Ministros, no exercício de suas funções, deverão ser mantidos e permanecer como estavam em uso nesta Igreja da Inglaterra no segundo ano do Rei Eduardo VI, pela autoridade do Parlamento.*

A interpretação do segundo parágrafo da Rubrica sempre foi controversa. No segundo ano do reinado de Eduardo VI (1548), estava em vigor, para a celebração do culto com Ceia do Senhor, a *Missa Segundo o Rito de Salisbury*, uma variação inglesa da Missa Latina medieval, que previa o uso dos paramentos históricos ocidentais (alba, estola, casula, capa de asperges, dalmática, manípulo, mitra etc.), e que vigorou até a edição do *Livro de Oração Comum* de 1549.

Literalmente, portanto, o texto da rubrica autoriza o uso dos paramentos históricos ocidentais no culto de Santa Comunhão. No entanto, a maioria dos intérpretes entendia que o texto da rubrica estava prejudicado pelo *Livro de Oração Comum* de 1549, que previa exclusivamente, para *todas* as celebrações litúrgicas, o secular/acadêmico “traje de coro” (batina, sobrepeliz, capuz e *tippet*, ou roquete, chamarra, capuz e *tippet* para os bispos), além de capa de asperges nas catedrais e igrejas colegiadas.

Essa interpretação só voltou a ser contestada na prática pelo Movimento de Oxford, na metade do século XIX. No século XX, a questão foi prejudicada na Inglaterra pela aprovação dos Cânones de 1969, que permitem tanto o “traje de coro” como os trajes históricos, descartando qualquer significação teológico-ideológica para eles. [N.T.]

Eclesiásticas existentes inúteis e incompetentes, sendo suas decisões ignoradas e desobedecidas sem qualquer consequência; enquanto aqueles que consideram as Cortes existentes incompetentes negam-se a tomar quaisquer medidas para a criação de Cortes melhores; enquanto parecer que, para muitos, inclusive para muitos nesta Diocese, que nenhum clérigo é jamais chamado à responsabilidade, não importa o que ensine ou faça, e que cada um é livre para fazer o que considera certo a seus próprios olhos; enquanto permanecer a bárbara lei pela qual clérigos conscienciosos declarados culpados de contumácia em processos doutrinários sejam mandados para a cadeia – declaro, enquanto permanecer esse estado lamentável de coisas, a condição atual da Igreja parece-me, à primeira vista, sem esperança nenhuma. Uma casa dividida contra si mesma não pode permanecer; e mais cedo ou mais tarde nós seremos desestabelecidos<sup>18</sup>, desprovidos de verbas e afinal quebrados. Eu disse, porém, “parece” sem esperança de propósito. Quando eu leio quão maravilhosamente Deus manteve nossa Igreja viva nos dias da Rainha Maria, nos tempos do Longo Parlamento e durante a apatia de aspecto mórbido do século XVIII, recuso-me a cair no desespero. Nada é impossível. Nosso dever presente é esperar, orar, trabalhar e esperar. Aquele que curou leprosos e ressuscitou os mortos pode curar e reviver a Igreja da Inglaterra.

**2.** Quanto *ao futuro*, não alego possuir o dom da profecia, e certamente não tentarei oferecer conselho quanto ao procedimento a ser adotado em certos casos hipotéticos. *“Basta a cada dia o seu próprio mal”* (Mateus. 6.34). Haverá tempo bastante para tomarmos decisões quando uma crise chegar. Afinal de contas, é o inesperado que costuma acontecer.

De qualquer forma, enquanto vivermos, creio que devemos sempre cultivar o hábito de tratar nossos irmãos pertencentes a escolas de pensamento que não as nossas próprias com gentileza, cortesia e respeito. Demos-lhes crédito por serem tão sinceros quanto nós mesmos, embora os consideremos lamentavelmente equivocados. Creiamos que muitos membros da Igreja com os quais ora discordamos sejam, e muitos são, cristãos verdadeiros a despeito de seus erros. Seus corações podem estar corretos à vista de Deus, embora suas cabeças estejam, para nós, em grave erro. Não importa quão erradas nós consideremos suas posições, devemos caridosamente esperar que estejam no caminho da vida e peregrinando rumo ao céu, e serão *“salvos pela graça de Deus, assim como nós mesmos”*. Não importa o quanto creiamos que eles percam sua própria utilidade por sua afirmação imperfeita da verdade, não devemos precipitadamente declará-los desprovidos da graça e de Deus, arriscando-nos a condenar aqueles a quem Deus recebeu. Para falar francamente, jamais será cabível rotular as pessoas como hereges inconversos e filhos da ira porque diferem de

---

<sup>18</sup> O “estabelecimento” (*establishment*) é a condição jurídica pela qual a Igreja da Inglaterra é considerada a Igreja oficial do Reino da Inglaterra, com vários privilégios patrimoniais e numerosas responsabilidades públicas em contrapartida. [N.T.]

nós quanto ao efeito dos Sacramentos, sobre ritual ou sobre a precisa natureza da inspiração. Não importa quão firmemente nos agarremos a nossas próprias posições a respeito de tais assuntos, devemos cuidadosamente nos lembrar de que é possível estar sob a Cabeça e sobre a Rocha ainda que sob uma densa nuvem de erro.

Em todo caso, não abandonemos levemente nossa mãe, a Igreja da Inglaterra. Enquanto ela aderir firmemente à Bíblia, aos Artigos de Religião e aos princípios da Reforma Protestante, aconselho-vos a permanecer com a Igreja. Quando os Artigos e o Livro de Oração forem adulterados ou lançados fora, e a antiga bandeira arriada, então, e somente então, será a hora de lançarmos nossos botes e abandonar o naufrágio. No presente, permaneçamos a bordo da antiga nau.

Enquanto preservarmos nossos Artigos, Credo e Livro de Oração intactos e íntegros, como poderíamos melhorar nossa situação com um cisma? Onde encontraremos tal liberdade, embora por ora não tenhamos todas as coisas segundo nosso próprio gosto, quer pertençamos aos partidos Alto, Baixo ou Amplo?<sup>19</sup> Para quem iremos? Onde encontraríamos melhores orações? Em que comunhão encontraremos tanto bem sendo feito, a despeito da existência de tanto mal? Sem dúvida, há muito que nos entristece; mas não há uma única Igreja visível na terra neste dia indo melhor. Não há uma única comunhão em que não haja nuvens e tudo esteja sereno. “O mal em toda parte está misturado ao bem”. O trigo jamais cresce sem joio. Contudo, a despeito disto, há muito para nos alegrar – há mais boa pregação do que jamais houve nos púlpitos da Igreja estatal, mais bom trabalho feito aqui e no estrangeiro. Portanto, prossigamos na caminhada, prossigamos lutando e prossigamos orando; permaneçamos na Igreja da Inglaterra e façamos o melhor em nossas posições. O membro da Igreja que trilhe nestas linhas, creio, é aquele que “compreende os tempos” e cumpre o seu dever.

---

<sup>19</sup> As três grandes correntes dentro da Igreja da Inglaterra no tempo de Ryle.

O partido Alto, ou *High Church*, era outrora identificado pela alta consideração que dava às relações entre Igreja e Estado, lealdade à Igreja da Inglaterra (diante dos cismas denominacionais promovidos pelos puritanos), adesão total ao *Livro de Oração Comum* e sua teologia expressa nos *Trinta e Nove Artigos de Religião*. No tempo de Ryle, porém, passou a significar especialmente o movimento ritualista, ainda que excluía a vertente extremista dos anglo-papistas.

O partido Baixo, ou *Low Church* era historicamente ligado aos “latitudinários”, os que procuravam minimizar e conciliar as diferenças entre o anglicanismo e as igrejas protestantes não-conformistas na Inglaterra (presbiterianos, congregacionais, batistas e, posteriormente, metodistas, entre outros grupos menores). No tempo de Ryle, passou a identificar os “evangelicais”, os partidários de uma linha teológica mais próxima do pietismo alemão e do avivalismo anglo-saxão, com ênfase na necessidade de conversão e piedade individual, e opostos à linha católico-sacramentalista dos ritualistas.

Por fim, o partido Amplo, ou *Broad Church*, no tempo de Ryle, passou a representar a antiga posição latitudinária, de que a Igreja da Inglaterra deveria abarcar sob si as diferentes tendências de forma conciliadora e pacifista. [N.T.]

Encerro agora o que pode bem ser a última Exortação que me será permitido proferir, com as palavras de São Paulo: *“Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”. “Sede vigilantes, permanecci firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos. Todos os vossos atos sejam feitos com amor.”* (At. 20.32; I Co. 16.13-14).

## **APÊNDICE À NOTA NÚMERO 15**

Alguns leitores podem considerar a declaração deste parágrafo extravagante e exagerada. Peço-lhes que leiam as seguintes passagens de uma declaração recentemente feita pelo Bispo católico romano de Salford, Manchester:

### **A CONVERSÃO DA INGLATERRA NÃO É SONHO**

Ouçó alguém sussurrar: Estás sonhando, estás delirando; falar na conversão da Inglaterra é balbuciar de criança. Não sois dois milhões dentro de uma população de vinte e sete milhões. Perdeis milhares de vossos pobres pelo sistema das *workhouses* e pelo proselitismo, pelos poucos que ganhais nas classes mais altas. Compreendeis mal a raça inglesa, tresledes seu forte caráter protestante, se esperais sua conversão ao catolicismo.

### **O TEMPO DAS PENAS**

A isto respondo: Comparai a postura da Inglaterra com relação à Igreja Católica durante os três últimos séculos com sua postura atual. Por trezentos anos os católicos foram social e civilmente proscritos. Viviam, ou ainda, gemiam, sob toda sorte de incapacidades. Era crime professar a religião católica, escutar a Missa, abrigar um sacerdote, possuir rosários ou medalhas benzidas pelo Papa, comunicar-se com Roma, executar qualquer ato da religião católica. As penas legais eram multas, confiscos, cárcere, banimento, tortura e morte, e eram aplicados com mão inclemente. Nenhum católico poderia ser oficial diplomático, ou oficial do exército ou da marinha, ou deter qualquer posição civil de confiança ou responsabilidade. A educação católica era proscrita, de modo que os filhos dos católicos deviam crescer na ignorância, ou atravessar os mares se quisessem obter educação. Mesmo os pais de homens ainda vivos lembram-se do tempo em que a única forma de um católico manter suas posses era transferindo-as para o nome de um protestante, e quando um católico poderia ser forçado por qualquer estranho na estrada a entregar seu cavalo por uma nota de cinco libras. Não apenas eram as leis da terra dirigidas contra os católicos, mas por quase três séculos, toda a literatura e vida pública e social do país parecia combinar com a legislação para a sua degradação e final extinção. Contudo, qual é a postura da Inglaterra para com os católicos hoje?

### **CATÓLICOS INGLESES HOJE**

Eles têm posição de honra igual à de seus compatriotas. Preenchem todos os postos de confiança e honra salvo os mais elevados: são vice-reis, governadores das colônias, lordes-tenentes, membros de Conselho Privado, membros do Parlamento, ministros do Gabinete, presidentes dos conselhos dos condados e magistrados. São generais

do exército, almirantes da frota, juizes da terra. Não há carreira do serviço civil ou público que não lhes seja aberta, e no qual não sejam bem-vindos. Vez por outra ocorre uma manifestação do velho medo e implicância protestante, como quarenta anos atrás, quando um contemporâneo protestante escreveu: “Liberais e Conservadores disputam uns com os outros pronunciando furiosas tolices, e todo o coração da nação os acompanha. Contudo, os resultados legislativos foram uma lei penal miserável, que jamais foi feita cumprir, e acabou revogada alguns anos atrás com total expressão de desprezo”. Ora, atribuí tal mudança a qualquer causa que desejais – à comunicação com a Europa Continental, o contato com católicos, a abolição dos privilégios de classe e ascendência, indiferença para com os assuntos de religião, a disseminação da educação entre todos os setores da sociedade, a decadência do preconceito, a pesquisa crítica, que vem causando a reescrita da história da Inglaterra – quaisquer que sejam as causas, o resultado, a mudança, é inegável.

### MUDANÇA NO ESTABELECIMENTO

Não é tudo. Não apenas mudou a postura da população, mas o próprio Estabelecimento, que foi posto em rivalidade à Igreja, com a supremacia real triunfantemente levantada contra a supremacia papal; este mesmo Estabelecimento transformou-se em seu temperamento e postura. Seus Bispos, ministros e o povo estão ativamente engajados em ignorar ou denunciar os próprios Artigos que foram preparados para servir como eterno protesto contra a Velha Religião. O poder sacramental das ordens, a necessidade de jurisdição, a Presença Real, o sacrifício diário, a confissão auricular, as orações e ofícios pelos mortos, a crença no Purgatório, a invocação da Bem-Aventurada Virgem e dos santos, os votos religiosos e a instituição de monges e freiras – as várias doutrinas estampadas nos Trinta e Nove Artigos como fábulas sentimentais e blasfemas enganações – todos eles são agora abertamente ensinados de mil púlpitos dentro do Estabelecimento, e cordialmente acolhidas por tantas congregações lotadas. Mesmo a estátua da Bem-Aventurada Virgem Maria foi disposta com honra sobre a principal entrada lateral da Abadia de Westminster, e foi recentemente entronizada sobre um majestoso altar sob a grande cúpula da Catedral de São Paulo.

\*\*\*

Deixo esta passagem sem fazer comentários. Se não abrir os olhos de um homem ao perigo que corre a Igreja reformada da Inglaterra no momento, temo que nada o fará. Infelizmente, o pior cego é o que não quer ver.

---

**ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS E SALVAÇÃO DE PECADORES.**

**FONTE**

Traduzido de [http://www.tracts.ukgo.com/ryle\\_hold\\_fast.pdf](http://www.tracts.ukgo.com/ryle_hold_fast.pdf)

*Todo direito de tradução em português protegido por lei internacional de domínio público*

Tradução: Eduardo Henrique Chagas

Revisão Geral: Armando Marcos Pinto

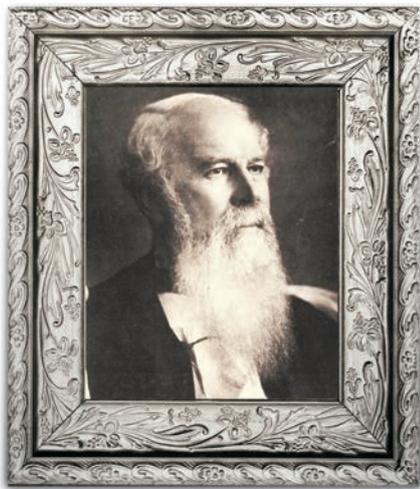
Capa: Victor Silva

***Projeto Ryle – Anunciando a verdade Evangélica.***

<http://www.projetaryle.com.br/>

*Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Ryle” como fonte, bem como o link do site <http://www.projetaryle.com.br/>. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material.*

## John Charles Ryle



John Charles Ryle (10 de maio de 1816 - 10 de junho de 1900) foi o primeiro Bispo de Liverpool da Igreja da Inglaterra. Ryle nasceu em Macclesfield, e foi educado em Eton e em Christ Church, Oxford.

Ele foi um atleta refinado que remava e jogava Cricket pela Oxford, onde ele alcançou um nível de primeira classe em História e Filosofia Greco-Romana tanto antiga quanto moderna e a ele foi oferecido uma comunhão universitária (posição de ensino) que ele declinou. Filho de um rico banqueiro, ele foi destinado para a carreira em política antes de responder ao chamado para o ministério ordenado.

Ele foi espiritualmente despertado em 1838 enquanto ouvia a leitura de Efésios 2 na igreja. Ele foi ordenado pelo Bispo Sumner em Winchester em 1842. Depois de sustentar um pastorado em Exbury, Hampshire, ele tornou-se Reitor (Pastor Presidente) da Igreja de São Thomas, Winchester (1843), Reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk (1844), Vigário da Igreja de Stradbroke (1861), Cânon Honorário da Igreja de Norwich (1872), e Deão da Igreja de Salisbury (1880). Contudo, antes de ocupar o último ofício, ele foi avançado para a nova sé de Liverpool, onde ele permaneceu até sua resignação, que tomou lugar três meses antes de sua morte em Lowestoft.

Sua nomeação para Liverpool foi recomendação do Primeiro-Ministro, que estava deixando a Chefia de Governo, Benjamin Disraeli. Foi em 1880, com 64 anos de idade, ele tornou-se o primeiro bispo de Liverpool. Em sua diocese, ele exerceu um ministério de pregação vigoroso e franco, e foi um fiel pastor em seu clericalato, exercendo cuidado particular sobre retiradas de ordenação. Ele formou um fundo de pensão para o clericalato de sua diocese e construiu mais de quarenta igrejas. A despeito da crítica, ele aumentou as cóngruas do clericalato antes de construir uma catedral para sua nova diocese.

Ryle combinou sua presença comandante e defesa vigorosa de seus princípios com graciosidade e calor em suas relações pessoais. Muitos trabalhadores e trabalhadoras compareceram às suas reuniões de pregações especiais, e muitos tornaram-se Cristãos. Ryle foi um forte sustentador da Escola evangélica e um crítico do Ritualismo. Ele tornou-se um líder da Ala Evangélica na Igreja da Inglaterra e foi notório por seus ensaios doutrinários e seus escritos polêmicos.